

conferência

Repetição e Sintoma¹

Colette Soler

Conferência 1

Repetição e Sintoma são os dois eixos da questão que vou tratar hoje. Por que coloco esses dois termos juntos? São duas coisas das quais sofrem os seres falantes. Só existem para o ser falante.

Repetição e sintoma se reproduzem no campo do gozo, e ambos dependem do inconsciente. O sintoma é uma formação do inconsciente. A repetição é um afeto. Os dois são solidários, caminham juntos, mas não podem ser confundidos.

A análise não faz com que o sintoma, nem a repetição, desapareçam. No entanto, sobre este ponto, há uma dissimetria: trata-se uma parte dos sintomas, mas não se trata a repetição, que é um incurável, contrariamente ao que, às vezes, se diz.

Todo gozo do ser falante se ordena entre repetição e sintoma. Eles são solidários, e cada um deles está referido ao “não há relação sexual”, mas é preciso notar que há repetição e há sintoma. Nos termos de Lacan, a repetição faz objeção à relação, porque ela não promove senão Uns de gozo. O sintoma, na definição lacaniana, supre a relação sexual. É o sintoma que, na ausência da relação sexual, permite que existam relações entre os seres sexuados.

Repetição Sintoma
Relação Sexual₀

Repetição e sintoma é um tema que concerne ao gozo do ser falante. Começo pela Repetição. Ela é demoníaca, diz Freud, para exprimir nossa impotência diante dela; ele evoca o gradus da *ananké*, a necessidade. Mais próximo da lógica do que Freud, Lacan a reduz ao necessário, isto é, ao “não cessa de se escrever”. Insistência, portanto.

Qual é a relação entre a repetição e o inconsciente?

O inconsciente não é a repetição. Lacan não percebeu isso de imediato. Somente em 1964 é que ele traz algo novo sobre a repetição. Até então, Lacan confundiu os dois conceitos: inconsciente e repetição.

Eu lhes darei múltiplas referências destes dois tempos, trazendo citações que podem ser encontradas a partir de 1953.

Como primeira referência, trago a Lição de 26 de abril de 1955, no texto *A Carta Roumada*. Aí Lacan diz que “o automatismo de repetição (*Wiederholungszwang*) ‘não pode ser concebido como um

1. Estas duas conferências foram proferidas em Fortaleza, durante o XI Encontro Nacional da EPFCL-Brasil, em 2010. Na sua edição foi mantido o estilo de uma conferência falada. As citações, dentro do possível, foram referidas às edições brasileiras.

2. Lacan, *A carta roubada* (1956/1998, pp. 49-50).

3. *Ibid.*, p. 50.

4. Lacan, *O Seminário*, livro 17: *o avesso da psicanálise* (1969-70/1998, p. 73).

5. *Ibid.*, p. 50.

acréscimo, ainda que coroador, ao edifício doutrinal”² Ele prossegue: “é sua descoberta inaugural que Freud reafirma com ele, ou seja, a concepção da memória implicada por ‘seu inconsciente’”.³ Portanto, continuidade. Repetição tomada, então, como nada além do que a memória do inconsciente.

Contrariamente a isso, em 1969, quatro anos depois do *Seminário 11*, em *O avesso da Psicanálise*, Lacan designa o ano de 1920 como “o ponto de inflexão”.⁴ Em si mesma a expressão indica a descontinuidade. Aliás, Lacan é explícito quando diz, ainda no *Seminário 17*, que a enunciação de Freud teve dois tempos. De início, a articulação do inconsciente, que permite a Freud situar o desejo e onde Lacan precisa que nada parecia impor aí a repetição.⁵ No segundo tempo, há a introdução à repetição que é referida ao *Além do Princípio do Prazer*, ou seja, àquilo que Lacan chama de gozo.

No primeiro tempo, enquanto elabora sua ideia da ordem linguageira do inconsciente, Lacan não marca uma ruptura, mas uma continuidade entre o inconsciente e a repetição. Ele fala de uma “repetição simbólica”. Bem longe de dissociar os conceitos, ele homologa, de fato, a repetição ao inconsciente. Mais precisamente, ele a homologa à lei do retorno dos signos na sintaxe da cadeia linguageira que determina o sujeito. Dito de outra maneira, ele supõe que na repetição o que fica evidente é a própria ordem simbólica. Lacan identifica a repetição à insistência da cadeia significante.

É apenas em 1964 que Lacan situa 1920 como um novo avanço. Isto quer dizer que todos os textos anteriores a 64 não entram no conceito lacaniano. Se se quiser ser rigoroso, o que Lacan diz sobre a repetição, antes de 1964, não é, ainda, a repetição. Da mesma forma, o que Freud dizia em 1914 não era, ainda, a repetição. Somente em 1920 é que Freud dispõe do conceito que só foi estabelecido, por ele, em *Além do Princípio do Prazer*.

Então, qual é a repetição proposta por Lacan a partir de 1964? Nada do que a opinião comum possa imaginar que é a repetição. Vocês sabem que a repetição tem muito sucesso no senso comum. Ela é muito convocada na história, na economia, no nível do amor – que é seu campo eletivo. Expressões paradoxais concernentes à repetição são particularmente numerosas, mas nem todas se encontram no mesmo nível. Algumas estão em contraste com a ideia comum da repetição, e isso porque há uma ideia comum da repetição. Ora, o que diz a psicanálise se opõe, aí, ponto por ponto. Acredita-se que é o retorno do mesmo e do passado. Para a psicanálise, com Lacan, a repetição não é um retorno. Não é do passado que se trata. É a única coisa que não envelhece. Não é o mesmo. É o diferente. Não é um destino, mas uma figura do acaso. Não se duvida, tampouco, que não se trate do múltiplo na repetição, de várias vezes, quase que por definição porque não se pode escapar às pressões da

língua. Mas Lacan, em *A lógica da Fantasia*,⁶ nos diz que a repetição se produz uma única vez. Em uma conferência em Baltimore,⁷ ele vai dizer que não pode haver outra igual à primeira.

Vou direto ao objetivo da repetição: a produção do sujeito dividido e sua colocação em exercício.

Como distinguir Inconsciente e Repetição?

O inconsciente é composto por elementos discretos, cada um diferente dos outros, no plural. Inicialmente, Lacan falou de seus significantes, depois, de seus Traços Unários e, em seguida, de elementos de *alíngua*. Quando o inconsciente trabalha, *arbeiter*, nos lapsos, nos atos falhos, nos sonhos etc..., o que retorna, de certa forma, são esses elementos com todos os tipos de troços, de fracassos, ou seja, de equívocos. De onde eles vêm, afinal? Como se constituem?

Eles se constituem a partir das primeiras experiências de gozo corporal que são, sempre, imprevisíveis, chegam de surpresa. Não são programados, mesmo quando anunciados, mesmo quando há liberdade de hábitos, mesmo quando a criança assistiu a cópulas, mesmo quando viu imagens etc. Isso porque o gozo é incomensurável a tudo que se pode dele dizer ou ver. É incomensurável à dialética intersubjetiva, aos debates com o Outro.

Temos que sublinhar, acentuar esse termo “experiência”. Qual a concepção de experiência? É aquilo que não se imagina. Transtorna os equilíbrios. É sempre singular. Mesmo quando é para todos, não se partilha. É segregativa.

Logo, o acontecimento de corpo, que é a irrupção de um gozo, está na origem. Lacan a qualifica de experiência não marcada e que vai ser marcada por um traço unário. Ou é um trauma ou um prazer especial; essa referência é freudiana e ela é dupla. No que diz respeito ao prazer especial, ele nos envia à *Interpretação dos Sonhos*,⁸ no final, quando Freud explica a gênese do desejo indestrutível a partir da perda da experiência suposta de satisfação que o traço memorial faz perder. Em relação ao trauma, Lacan se refere ao adendo de *Inibição, Sintoma e Angústia*,⁹ quando Freud coloca a origem traumática de toda neurose na inscrição das primeiras experiências de satisfação, aquelas nas quais o traço do sujeito é produzido como perda de gozo, queda do objeto *a*.

Freud vai dizer que elas são de três tipos: as coisas vistas, as coisas ouvidas e as percebidas no próprio corpo. A partir desses traços é produzida a perda de gozo. Essa noção de traço mnêmico convoca Freud a falar sobre algo da ordem do registro da inscrição. Sobre isso, Lacan retornou em *A Instância da Letra*.¹⁰ O traço unário, o que é isso? O traço unário não é propriamente um significante. Ele tem a estrutura diferencial do significante e comporta, mesmo, a única mesmidade concebível, que é, eu cito uma expressão de Lacan, “*la mêmété da la différence*”, que eu poderia designar como a

6. Lacan., *Seminário*, livro 14: *A lógica da fantasia* (1966, lição III, 30/11/66. Inédito).

7. Lacan, *Of structure as an inmixing of an otherness prerequisite any subject whatever*. Comunicação feita no Simpósio Internacional de John Hopkins em Baltimore (1966/ 1970, pp. 186 - 195.).

8. Freud, *A interpretação dos sonhos* (1900/1987).

9. Freud, *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926[1925]/1996).

10. Lacan, *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957 /1998).

cifra da diferença. Ele se distingue do significante em dois aspectos: não tem sentido e não representa nada.

De onde vem o traço unário? Da linguagem ou de *alíngua*? Em *A lógica da fantasia*,¹¹ Lacan diz que “ele ignora a natureza das coisas”. Qualquer coisa pode servir para escrever este Um da Repetição. Não é que ele seja nada, é que ele se escreve não importa com que. Não vem, necessariamente, de *alíngua*. Imagem, cenário, não importa qual seja o elemento linguageiro ou imaginário para fazer índice de uma experiência de gozo. A definição de traço unário é que ele é um elemento discreto, distinto de qualquer outro. Ele se inscreve diacronicamente no tempo. Ele comanda, em seguida, como traço de perversão à colocação em ato da sexualidade, retorna nas formações do Inconsciente, que a *arbeiter*¹² fomenta e, também, na associação livre, em que os traços unários são desalojados pelo deciframento.

“O traço unário é, portanto, aquilo com que se marca a repetição.”¹³ Lacan o nomeia de o Um da repetição. Ele insistiu muito em dizer que se trata do Um contável e daí advém o porquê Lacan recorreu aos problemas do incontável e a Cantor. Lacan distingue o Um contável dos outros Uns, da repetição, o Um da totalidade, de início em *A lógica da fantasia* e, em seguida, o Um do “*Ya d’l’Un*”, “Há Um”,¹⁴ no sentido do Um-dizer, do falasser.

A repetição se marca no traço unário, mas não é o traço unário. Ela é efeito dos traços unários. O traço unário é uma marca que tem um efeito; ele afeta o gozo de uma perda. O que é perdido? É o gozo original, não marcado. Então, a repetição não é retorno do passado, ela é perda de passado.

Lacan escreveu isto de várias maneiras, principalmente no seminário *De um Outro ao Outro*, em que ele introduz um pequeno matema.¹⁵

$$\begin{array}{c} \text{UM} \\ \downarrow \\ a \\ = \\ \text{gozo perdido} \end{array}$$

Esse efeito de perda nada mais é que a produção do sujeito dividido. Esses traços unários do inconsciente supõem um sujeito, mas eles não representam esse sujeito, eles o produzem como corte, na medida em que são colocados em série, corte no campo do gozo.

Uma precisão: o sujeito que chamamos, muitas vezes, de sujeito do inconsciente, Lacan, de início, o apresentou como suposto à cadeia significante. Por quê? É o caso no Grafo do Desejo, porém, como suposto à série dos uns do trabalho do inconsciente, saber sem sujeito, que cifra o gozo; idêntico ao corte. A tese é escrita em *Radiofonia*,¹⁶ mas formulada muito antes.

11. Lacan, *A lógica da fantasia*, op. cit.

12. A autora situa o termo *arbeiter*, muito utilizado por Freud, e que, em alemão, se refere a trabalho.

13. *Of structure as an inmixing of an otherness prerequisite any subject whatever*. Comunicação feita no Simpósio Internacional de John Hopkins em Baltimore, op. cit. pp. 186 - 195.

14. Lacan, *O Seminário*, livro 20: *mais, ainda*. (1972-73/1985, p. 197).

15. Lacan, *O Seminário*, livro 16: *De um Outro ao Outro*. (1968-69/2008, p. 291). [Na versão publicada pela Jorge Zahar tem-se o matema: $1 \rightarrow$ a surgimento do a pela contagem].

16. Lacan, J. *Radiofonia* (1970/2003).

Evidentemente, estamos a mil léguas do sujeito psicológico do qual é tão difícil se desfazer. Estamos, também, a mil léguas do que, inicialmente, os leitores de Lacan aprenderam, ou seja, que o inconsciente faz cadeia com os significantes que representam o sujeito. Porém, os traços da repetição não fazem cadeia, mas série, eventualmente.

Uma única repetição é necessária para constituir a posição do sujeito. O traço unário pode se repetir, mas a repetição, produção do sujeito dividido, não se repete, ela se produz apenas uma única vez.

Lacan insiste nisso. Em Baltimore,¹⁷ ele diz. Cito: “Esta primeira repetição (a do um, portanto) é a única necessária. O sujeito do inconsciente é algo que tende a se repetir, mas uma única repetição é necessária para constituí-lo”. Ele diz que o traço unário produz o sujeito sob condição de se reproduzir apenas uma vez. E acrescenta. Cito Lacan: “Ele é produzido como efeito de perda. A lei constituinte do sujeito é a repetição”. Ou, ainda: “O sujeito é a introdução de uma perda no real”, sob o efeito do traço unário.

Onde localizar esta produção do sujeito dividido na experiência? Eu acabo de dizê-lo: lá, onde se constitui o inconsciente, no nível das primeiras experiências ainda não marcadas, onde o sujeito do inconsciente não está ainda constituído como efeito de perda devida ao traço. Então, é claro: “o traço se repete, plural, introduzindo a imissão da diferença” que produz a repetição, no singular, como efeito de perda. Uma vez produzida, essa perda não cessa de se escrever. Logo, não se trata do passado, mas do presente perpetuado.

Em 1966, Lacan diz que a repetição é única e necessária. A repetição insiste. Eis o termo que faltava. Ela é o destino do homem científico. Por que o homem científico? O homem científico é suposto à linguagem, é o sujeito da ciência, da filosofia que foi inscrito pelo cogito de Descartes: “penso, logo sou”. O traço unário seria identificar-se ao eu penso do homem científico.

A repetição é “a relação vazia insistente”. Qual é a relação entre a produção do sujeito dividido, definido pela perda de gozo, e a não relação sexual que Lacan formula mais tarde, nos anos 70, notadamente, em *Radiofonia*? É que a perda não determina para o sujeito outro parceiro senão o objeto *a*, a-sexual, que responde pela perda constituinte. O resultado é que o dois do sexo é como o número dois e, como o *Aleph* de Cantor, um “inacessível”. Esta referência matemática tem sua tradução clínica precisa: o parceiro do amor é incalculável. O inconsciente não calcula o parceiro; ele não pode nem calcular nem julgar. Ele trabalha para produzir os traços unários do gozo castrado. Daí o problema de como aceder ao parceiro como corpo. Eu retornarei a esta questão.

A repetição, efeito do Inconsciente, deixa o sujeito sem parceiro. No entanto, há casais. O Inconsciente não fornece o dois do parceiro, mas o acaso, a sorte, fornece. Compreende-se melhor, então, que

17. *Of structure as an
inmixing of an otherness
prerequisite any subject
whatever*. Comunicação feita
no Simpósio Internacional de
John Hopkins em Baltimore,
op. cit. pp. 186 - 195.

a repetição seja, sempre, nova, porque para envelhecer seria preciso que ela fosse submetida ao tempo e ela não o é. São as contingências que estão submetidas ao tempo, e elas são inumeráveis! A sutileza é que nos casos da sorte, nestes encontros que não fazem relação, o sujeito se repete e se mantém na sua solidão. Isto porque ele não é o parceiro enquanto tal, apenas, a causa de seu desejo. Assim a repetição é renomeada por Lacan *bonheur du sujet*, nas duas ortografias¹⁸ que apresento a seguir:

bon heur, bonheur ► boa hora, felicidade

A repetição é, portanto, renomeada por Lacan como *bon heur* do sujeito. Com o destino de solidão que comporta, a repetição se manifesta, eletivamente, nos encontros do amor. Não imaginem o contrário. A falta ao encontro, como diz Lacan, equivalente ao real da não relação, se impõe nos encontros do amor, como encontro faltoso. E daí poderia surgir uma suspeita: desses sujeitos que choram por não reencontrarem o homem ou a mulher que eles esperam, poder-se-ia, de fato, dizer que eles se protegem do encontro faltoso.

Não sem ironia: a felicidade (boa hora) do sujeito, sua pronta submissão, é a infelicidade do falasser, reduzido ao se saber sozinho. Lacan situa aí a razão do grande clamor dos sofreadores que sofrem por serem sujeito, e sujeito que se repete. Dito de outra maneira: a repetição da relação faltosa, faltosa com o Outro, (o pai, a mulher), é estritamente solidária do encontro exitoso com o objeto *a* que, ao mesmo tempo, objeta ao que seria o encontro com o Outro e que supre a relação que falta. Como percebeu, genialmente, Kierkegaard no seu texto *A Repetição*,¹⁹ no capítulo que repete o título, a repetição é que, no amor, não se encontra senão a si mesmo. Daí o alcance ontológico da repetição que Lacan homologa.

É o mesmo esquema do *Seminário XI*, aplicado ao sonho “Pai não vês que estou queimando?”, e que dá coerência aos dois desenvolvimentos, já que Lacan e Freud leram diferentemente este sonho. Segundo Freud, há a realização de um desejo: o pai vê o filho vivo no sonho. Para Lacan, o pai, sujeito do sonho, não reencontra o filho, contrariamente ao que diz Freud. Ele só encontra seus objetos: olhar e voz. É a mesma tese de Kierkegaard: que o sujeito encontra a si mesmo no amor. O pai não encontra o filho no sonho como Dante não encontra Beatriz. Ele só encontra um batimento de cílios que o olham. Não é por ironia, nem por gosto pelo paradoxo, que Lacan formula em *Televisão*,²⁰ que a repetição é o *bon heur*, boa hora, do sujeito. É que há, a toda hora, bons encontros, acidentes, acasos; o sujeito não faz outra coisa senão repetir-se, idêntico a si mesmo, como efeito de uma necessidade demoníaca, segundo as palavras de Freud, e que Lacan situou em termos lógicos.

Qual a relação da repetição com a transferência?

Da repetição sobre transferência podemos dizer: repetição é um

18. Lacan, *Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos* (1973/2003, p. 553).

19. Kierkegaard, *A repetição* (1843/2010).

20. Lacan, *Televisão* (1974/2003, pp. 525-26).

irredutível por estrutura que vem do efeito da linguagem sobre o gozo. Não se trata de reduzi-la. A transferência não é a repetição. O que fez com que se as confundisse? Num parágrafo de Freud em *Além do Princípio do Prazer*:²¹ a transferência aparece como repetição dos amores infantis e o fracasso deles. Fracasso do amor traído, da pulsão, da criação. É porque a transferência toma a forma do amor que se acreditou que ela era repetição.

Lacan põe uma ordem nisso com o sujeito suposto saber. A transferência positiva é o sujeito suposto saber, não no nível dos sentimentos que não são senão efeitos de uma relação ao saber suposto. Consegue numa relação ao saber, sob o modo do sujeito suposto saber.

Há um efeito da transferência sobre a repetição. A repetição aí, não deixada a si mesma, como é no amor. Ela é provocada. Aliás, em toda parte trata-se de evitá-la.

Por que a relação ao saber provoca a repetição?

A transferência é demanda. A relação ao saber provoca a repetição porque a transferência é uma demanda endereçada ao saber, o que a distingue enormemente da única reiteração das demandas infantis, aquelas da dita neurose infantil. O dispositivo analítico usa esta demanda para colocar o inconsciente “em exercício”, é o que chamamos efeito de histerização da análise. Como é que, a partir daí, a declinação dos Uns do inconsciente na fala analisante não reanimaria seu efeito automático de perda? O saber inconsciente que se declina via deciframento e interpretação só produz do Um. Portanto, coloca em jogo a repetição do sujeito dividido. Outra maneira de dizer: situa a função proposicional $\Phi(x)$, o gozo castrado, que “faz função de sujeito”.²² Ou, ainda, efeito de produção dos S_1 no Discurso do analista.

Ao colocar a repetição em andamento, faz-se mais do que falar dela. Na análise, não só falamos e sofremos da repetição, mas nós a programamos, a provocamos.

O que faz confundir Transferência e Repetição é que se procura do lado do analista o dois que falta ao sujeito, o dois do Sujeito suposto saber. Como? Pela demanda. Quaisquer que sejam os ditos o dizer analisando é demanda.

A transferência dá à repetição a forma de demanda, de fato, uma repetição endereçada. Eis porque, para situar o dizer, não os ditos, o dizer da demanda analisante, Lacan reescreve a repetição em *re-petitio*. Sem mesmo conhecer o latim, encontramos a raiz latina na petição que é a expressão de uma demanda, geralmente coletiva e cujo apetite designa, digamos, uma busca, talvez individual, de gozo já que o apetite evoca o corpo. A *re-petitio* é o que faz confundir a transferência com a repetição, como retorno das exigências infantis, *re-petitio* endereçada ao Outro. Vejam a página vibrante que Freud consagra à transferência no começo de seu *Além do princípio do Prazer* para dizer

21. Freud, *Além do princípio do prazer* (1920/1987).

22. Lacan, *Seminário Livro 19... ou pire* (1972-75/ Inédito).

a insistência, sob transferência, das infelicidades da infância.

A repetição, fora da transferência, não é, essencialmente, demanda; o sujeito se repete, automaticamente, ao acaso dos apetites do amor. Vejam o exemplo de Dante e Beatriz: nem sombra de uma demanda, somente uma questão sobre o Outro. É diferente. Vejam, também, o jogo do *Fort-da*, esse jogo solitário da perda reiterada, jogo que, na sua virtude separadora, não demanda nada a ninguém. A transferência demanda e faz reluzir, esperar pelo Outro que poderia responder, justamente aquele no qual o sonho “*Pai, não vês que estou queimando?*”²³ manifestava a falta, desoladora.

“*Celle qui vient à notre charge*”, aquela que vem ao nosso encargo, diz Lacan, indicando a inflexibilidade. Busca-se o dois do lado do analista, isso toma a forma do amor, mas não o encontramos.

No entanto, o analista é o parceiro que tem a “chance de responder”. Na análise, a *tuchè* está do lado do outro, do analista. Não se encontra no analista senão o semblante do objeto, o objeto que falta. Neste sentido, a análise opera bem no nível da repetição, ela a coloca em evidência. Ela a mostra, diz Lacan, de “*notre index*”. Ele toma por referência o dedo erguido de São João, de Leonardo da Vinci, que faz vislumbrar a virtude alusiva da interpretação, como se pode encontrar no texto *A direção do tratamento*.²⁴ Ela a revela colocando em exercício “a relação vazia insistente”.²⁵ Ela a faz passar ao irremediável. Demonstrando o impossível da relação, a inacessibilidade ao dois, ela funda, de uma certa maneira, o necessário da repetição. É uma mudança, mas não a reduz. Faz-se passar a repetição do contingente, dos maus encontros, ao destino que constitui o necessário. Vinha-se para reduzi-la e no final se sabe que ela é irredutível... programa-se um luto das expectativas de transferência.

Além de revelar a repetição, a análise faz, ainda, uma outra coisa, que repercute sobre a repetição. Ela opera sobre o sintoma.

Conferência 2

Vou falar, agora, do que sustenta a repetição, que é o sintoma. O que vou explicar hoje, creio que seja um pouco difícil para aqueles que ainda não têm uma leitura completa de Lacan. Espero, no entanto, que isso lhes dê um pouco de perspectiva para o trabalho.

Então, começo com uma frase de Lacan que se encontra em *O aturdido*²⁶ e que diz que as demandas têm função de “emparelhar o impossível ao contingente, o possível ao necessário”. Ao contrário, portanto, do que se passa na lógica modal. O que está em questão nesta frase é precisar o que pode variar, ou seja, o que pode mudar na análise.

Não se pode mudar nem o impossível, nem o necessário, que não cessam. Logo, eles só podem ser verificados. O contingente e o

23. *A interpretação de sonhos*
op. cit., pp 468-9.

24. Lacan, *A direção do
tratamento e os princípios de
seu poder* (1958/1998 pp.
591-652).

25. *Ibid.*, p. 648.

26. Lacan, *O aturdido*
(1973/2003).

possível, ao contrário, se definem pelo fato de cessarem. O contingente, diz Lacan, é o que cessa de não se escrever, ou seja, o que começa a se escrever na psicanálise. E o que é que se escreve? Há muitas formas de dizê-lo. Resumindo, é o que Lacan chama a função fálica, que é a função castração que determina o gozo. Um. Então, o que se escreve na análise é o efeito castração e é uma mudança.

Agora, o possível, que cessa de se escrever. O que é, então? O que é que se escrevia e que vai cessar de se escrever graças à análise? Não seria o efeito terapêutico, logo, a ação sobre o sintoma? Ênfase que Lacan, ao dizer “o que cessa de se escrever”, essa forma de traduzir as modalidades lógicas, implica o tempo, a duração, em relação a isso que cessa e que não cessa. É preciso não confundir, portanto, o registro da escrita, da qual ele falava, com a letra.

Pode-se dizer que uma letra, isso se escreve, certamente; mas o que se escreve na análise é um efeito do dizer, da fala. Lacan o diz explicitamente, pode-se ler textualmente, em *Lituraterra*,²⁷ isto se situa no nível do significado. Eis porque ele utiliza expressões como “*ravinement*” – sulco. Ele diz, também, “*Le rail, le canal*” – a via, o canal, que são imagens de traçados, alguma coisa que faz traços, com o tempo, por efeito da fala.

Então, como disse ontem, na repetição e no sintoma trata-se de gozo. Sim, porém, o problema é o acesso ao corpo do outro, já que o gozo não faz laço. Goza-se sozinho, em todos os casos. Quanto ao inconsciente linguagem, ele estabelece bem os laços entre os significantes, mas não estabelece laços entre o corpo que suporta o sujeito e o outro do gozo. Ele não programa o parceiro sexuado. O amor, ele próprio, não é uma condição de gozo. Então, o que permite o acesso ao corpo do outro? Parece-me que Lacan respondeu a esta questão em dois tempos. De início, ele convocou as pulsões, as quatro que conhecemos bem: oral, anal, escópica e invocante, como mediações para aceder ao corpo do Outro, e depois, em seguida, convocou o sintoma.

Sobre o primeiro ponto, a função das pulsões, como mediação para o Outro, as referências são muito numerosas no texto de Lacan. Detenho-me em duas ou três para justificar o que digo. Em *O aturdido*, vocês leem: “a pulsão genital é o catálogo das pulsões pré-genitais”. Em *Televisão*, ele fala da quádrupla instância em cada pulsão que se sustenta por coexistir com as outras três. O que quer dizer que uma pulsão jamais está sozinha, que elas são solidárias quando se trata de dar acesso à desunião a qual se trata de evitar para aqueles que “o sexo não basta para torná-los parceiros”.²⁸ Dito de outro modo, a “não relação sexual” diz que dois não sejam parceiros. No entanto, graças às quatro pulsões, transpõe-se essa desunião e se acede ao corpo a corpo. Vocês encontrarão também uma outra referência no texto ... *Ou pior*, um texto muito complexo, que já citei ontem, um esquema bastante complexo, mas que no final

27. Lacan, *Lituraterra* (1971/2003).

28. *Televisão* op. cit., p. 527.

das contas diz uma coisa bastante simples. É o complemento dos Uns da repetição, que faz o sujeito solitário, o quatro das pulsões – que ele nomeia, aliás, “Gozo do Outro” com uma letra maiúscula.

Então, esta é a primeira tese de Lacan: não há relação sexual, mas há pulsões, o que permite conectar ao corpo do Outro. E aí será preciso levar em consideração que a pulsão não opera somente em ato. A pulsão, efeito da demanda, circula na metonímia da linguagem e é por isso que ela é “gozo do Outro”. A metonímia – penso que todo mundo o sabe – transfere, de significante para significante, o mais-de-gozar pulsional. Eis porque Lacan diz: “a metonímia regula o metabolismo do gozo”. É isso que ressalta no erotismo: sem essas transferências metonímicas do mais-de-gozar, o corpo do Outro não diria nada ao primeiro corpo. E o que se chama de traços de perversão são traços pulsionais; de fato, nada mais são que traços de uma erotização possível, que suprem a ausência da pulsão genital e que permitem produzir o gozo que há, a despeito do gozo que não há.

Sobre este ponto, são os exemplos que permitem dar um pouco de consistência clínica a estas teses difíceis. Um exemplo freudiano. O exemplo do homem do brilho no nariz. Vocês conhecem, talvez, este caso de Freud.²⁹ De um homem cuja libido heterossexual só se anima se o nariz da dama brilha. Eis uma condição erótica que, aliás, não faz mal a ninguém. É divertido. Bastaria que a dama não colocasse muito pó na ponta do nariz. No fundo, Freud consegue colocar à mostra, com esse exemplo, a metonímia translinguística por meio da qual esse traço se fixou. No bilinguismo de origem deste paciente, este pequeno *voyeur* que amava olhar, onde o “*regarder*” em francês é “*to glance*”, em Inglês, vê-se que se transferiu, por homofonia, sobre uma palavra alemã “*glanz*” escrita com “*z*” e que significa, em alemão, brilhar. Logo, é uma metonímia translinguística da pulsão. Agora, um exemplo lacaniano que figura em *Radiofonia*. Em razão do estilo de Lacan, não é fácil de ser lido. É o exemplo do *Bel Ami*, um personagem de Guy de Maupassant que se chama *Bel Ami*. Lacan qualifica esse homem de rufião. É, de fato, o que se chama em francês de *baratineur*. Ele mexe com as moças. É um provocador. Qual é a tese de Lacan sobre o *Bel Ami*? É, também, que é uma metonímia que condiciona seu prazer em se aproveitar das mulheres. E qual é essa metonímia? É que a orelha da dama (primeiro significante) evocando a ostra a engolir (segundo significante) metonimiza a pulsão oral; esta ostra a engolir é o segredo de seu gozo de mexer com as mulheres. Aí está o charme das damas, não? Logo, não é na pulsão genital, mas na metonímia pulsional por meio da qual o desejo sexual avança. É a primeira tese de Lacan.

Mas vejam o que falta. Nenhum dos dois exemplos diz o que é o gozo do corpo do outro; eles dizem, apenas, como o corpo do outro é investido de desejo e que, do desejo ao gozo, há um abismo. Esta

29. Freud, *Fetichismo* (1927/1997 p. 179).

construção de Lacan é comparável à ideia, bem difundida entre nós, segundo a qual o parceiro seria o objeto *a*, respondendo ao objeto que falta. Ora, como disto se goza não se diz. Diz como se vem a desejar.

No começo do seminário *Mais, ainda*, Lacan afirma: “Vou primeiro supor vocês na cama”.³⁰ Todo mundo se entreolha e diz: o que é que deu no Lacan? Isso queria dizer uma coisa muito precisa: é que não se tratava mais, apenas, do vetor metonímico da pulsão, mas do gozo do corpo a corpo que, geralmente, se dá na cama. De fato, é uma questão nova. Ausente em *O aturdido*. Uma questão que se coloca sobre o gozo do ato, não um ato interrogado a partir de seus fracassos sintomáticos, mas do ato interrogado a partir de seu êxito.

Então, qual é a tese de Lacan? É que o gozo do corpo do Outro é sintoma. Apesar das aparências, não é a tese freudiana do sintoma substituto de um gozo sexual. A tese freudiana dizia que, para o neurótico, no lugar do gozo sexual faltoso vinha o sintoma. A tese de Lacan diz: o gozo sexual, aquele do ato exitoso, é sintoma e não há senão sintoma.

É essa tese, um pouco complexa, que vou tentar desdobrar um pouco. Isso me obriga a voltar à questão do inconsciente “saber sem sujeito”, que determina o gozo do corpo. Há duas maneiras de tocar no gozo do corpo. Há a dos traços unários da repetição, com os efeitos de perda, gerador do objeto *a*, que falei ontem. A série deles começa, segundo Freud, na contingência, e eles ligam o inconsciente às experiências originárias. Isto é um primeiro efeito. E depois, há um outro efeito que não é o efeito de perda. É o que Lacan chama o efeito “fixão” escrito com um “x” que elimina as ficções da verdade.

Logo, todo parceiro é sintoma, eis aí a tese. E todo sujeito se define por um sintoma, ou seja, todo o sujeito se define a partir de uma “fixão” de gozo, uma fixão que lhe é própria. Isto quer dizer que o sintoma não pode mais ser pensado como uma anomalia, como uma perturbação da boa ordem. Se há uma anomalia, a única anomalia é a do sujeito dividido e da não relação sexual, mas uma anomalia que é para todo falante não se chama mais anomalia. É a regra.

Então, o que é preciso ver é que o sujeito, o que se chama o sujeito, é bipolar – tomo o termo de Lacan. Bipolar e dividido entre o S_1 , que o representa, e o saber (S_2). Mas o saber em questão é, ele mesmo, bipolar, dividido entre o que dele se decifra e o resto, ou seja, o que não se o decifra. Vou escrever.

S_1 -----→ S_2
Os S_1 decifrados -----→ S_2

Temos o S_1 do sujeito e o S_2 que Lacan qualifica de saber. Mas este saber, ele mesmo, se divide entre os uns decifráveis e o resto não decifrável do grande mar que é *alíngua*, inexaurível. Quando se lê Lacan tem-se, às vezes, algumas dificuldades porque, ora ele chama

30. Lacan, *O Seminário*,
livro 20: *Mais ainda*. (1972-
72/1985, p.10)

saber o conjunto (S_1-S_2), é o caso quando ele diz que todo saber é bipolar. E, às vezes, ele chama “saber” apenas o que permanece indecifrável. Este saber que não representa o sujeito, mas que afeta seu corpo está, evidentemente, dentro do campo do gozo.

Depois, há, mesmo assim, um passo a mais, no fim do seminário *Mais, ainda*, que observei recentemente. E é o que Lacan chama o enigma do saber. No começo da última lição do *Mais, ainda*, ele acaba de ler as provas deste seu seminário e diz: falei de muitas coisas, do amor, do gozo... mas meu objeto deste ano é o saber. E de fato, é o que creio. Já no corpo do texto ele havia perguntado: o que é o saber? Não o saber como o sujeito sabe, mas o saber como substantivo. O saber enquanto inconsciente é um saber. E o que é que ele diz? É um enigma.

Não sei se vocês alcançam o paradoxo desta afirmação. Porque, em geral, acredita-se que o saber é o que reduz os enigmas. Acredita-se que quando se sabe, não há mais enigmas e que é por isso que se pode ficar de acordo. Além disso, esta fórmula “o saber, ele é um enigma”³¹ é um paradoxo em relação a tudo que precede no ensino de Lacan: a seu ideal de transmissão científica que ele deu como modelo à psicanálise, à sua tentativa de criar matemas. Ainda que se preste a muitas leituras, o matema é o antienigma.

É certo que o seminário *Mais, ainda* marca uma virada no que concerne a esta questão. Felizmente, Lacan, ele próprio, o diz, eu cito: “o truque analítico não será matemático”.³² Isso é um veredito. Coloca um ponto-final em vinte anos de ensino. E, falando de seus matemas, ($S(\mathcal{A}), \Phi, a$) ele diz que é sob o ângulo depreciativo que ele os introduz.

Então, qual é a fórmula do enigma? Isso não é um enigma. Isto se lê bem no texto. A fórmula do enigma é que “o saber se goza”. E posso acrescentar: onde? Notadamente no sintoma, que é o meu tema de hoje.

Alguns comentários. Há muito tempo, Lacan formulou que o saber operava no nível do gozo. Pode-se encontrar isto no começo do *Seminário 17, O avesso da psicanálise*.³³ Era uma tese que dizia que a linguagem é um operador, que tem efeitos sobre o gozo, o gozo do vivente. É uma tese antiga que se pode desenvolver (não vou fazê-lo), mas vai desde os efeitos da demanda sobre a necessidade (tese dos anos 60) até o gozo civilizado pela língua (tese final). Essa tese não coloca em questão a heterogeneidade dos dois registros, que são o gozo e a linguagem, isso os deixa heterogêneos e diz apenas que um opera sobre o outro.

Mas, quando se diz “o saber se goza”, é uma coisa muito diferente. Isto quer dizer que as duas dimensões, saber e gozo, se homogeneizam. Não são dois registros diferentes. Então, que o saber se goza, isso implica que para fazer um saber, o que Lacan vai chamar um saber, o saber do inconsciente, são necessários dois componentes. Ele o diz na lição “O saber e a Verdade”. É preciso o elemento formal, o elemento formal do significante diferencial, que se define pela di-

31. *Ibid.*, p. 188.

32. *Ibid.* p.159.

33. Lacan, *Seminário 17, O avesso da psicanálise*, (1969-70/ 1998).

ferença de um para o outro – aí se está em um terreno comum, ele repete isso há vinte anos. Mas, ele acrescenta agora que ao elemento formal será preciso que se acrescente o gozo. Há aí, então, algo novo.

Certamente, o texto do final do *Mais, ainda* prepara as teses que se encontram em *RSI*, onde ele define sintoma como gozo de um elemento do inconsciente, ou ainda, cito: isto quer dizer que se trata de um inconsciente no qual o significante se tornou objeto. Não é mais significante com efeito de sentido. Eis por que evocar aqui o fenômeno esquizofrênico é perfeitamente justificado. Vocês se lembram da tese de Freud “o esquizofrênico trata as palavras como coisas”³⁴, e as coisas, isto não tem sentido? Ele nem mesmo é significante com efeito de gozo. Ele é significante tornado coisa a gozar.

Esta tese de Lacan tem implicações filosóficas e éticas imensas, mas eu quero ir ao essencial que não está aí, ainda. Falando do saber assim definido, significante a gozar ou elemento a gozar, ele diz: “o gozo do seu exercício é o mesmo da sua aquisição”.³⁵ É uma questão sobre a fabricação de um inconsciente e, se se seguir esta frase, creio que ela muda o estatuto do sintoma. Se vocês olharem os comentários que estão em volta desta frase, verão que Lacan evoca o problema da aquisição. Ele se pergunta: será que se dá por aprendizagem? Penso que ele se pergunta porque a ideia geral é que o saber se adquire nas escolas, nos livros, por transmissão. De fato, o que se adquire nos livros, nas escolas, é a informação, porém, não o saber, segundo Lacan. Ele faz aí uma distinção, bem precisa, entre informação e saber. Esta distinção implica que se pode estar informado, bem informado, especialmente dos saberes científicos e, no entanto, não saber no sentido em que o inconsciente é um saber. O significante basta para a informação, mas não para o saber. Para o saber é preciso que o gozo seja acrescentado, se posso dizer assim. Eis porque o computador, por exemplo, não se pode dizer que ele pensa, ele é programado para fazer aquilo para que serve, mas não se pode dizer que ele... sabe.

Há um outro exemplo que cito porque é engraçado e, também, porque me diz respeito. Ele fala dos normalistas superiores, o que se acredita que a França produz de melhor em matéria de saber. Não sei se vocês têm isso no Brasil, uma escola que se acredita ser de elite. Ele diz: eles não sabem nada, mas ensinam admiravelmente. Dizia isso em uma época em que existia na sua Escola uma oposição feroz contra a chegada de Jacques Alain Miller, que vinha desta Escola Normal Superior. Poder-se-ia acreditar que era uma brincadeira bastante maldosa, e muitos a tomaram assim, mas não era somente isso. O que ele dizia repousava na distinção informação/saber. Informação é articulação significante correta, saber é significante gozado, objeto. E ele conclui neste texto, que para saber “não há informação que dê conta”, mas um “formado no uso”.³⁶ Qual é

34. No texto *O Inconsciente*, no capítulo VII – Avaliação do Inconsciente, Freud apresenta “uma caracterização de pensamento do esquizofrênico dizendo que ele trata as coisas concretas como se fossem abstratas”. p. 223.

35. *Mais, ainda op. cit.*, p. 131.

36. *Ibid.*

o uso? É clara a referência aí a Marx e à distinção entre valor de uso e valor de troca. Isso diz que o inconsciente gozado não tem valor de troca. Aliás, ele seria obstáculo para a troca determinando o não há diálogo. Mas ele tem um valor de uso de gozo. Um uso que é sempre próprio a cada um. Portanto, adquire-se o saber gozando do elemento formal, qualquer que seja. Eis, pois, o primeiro ponto do enigma: como o gozo chega ao elemento formal?

Porém, o ponto principal não está, ainda, aí. É que o gozo de sua aquisição é o mesmo de seu exercício. De onde veio isto? É o contrário da ideia comum sobre o saber. Pensa-se, geralmente, que para adquirir um saber é preciso penar muito, mas que depois vem a retribuição dos esforços e as satisfações esperadas. Que significa esta ideia de que o exercício e a aquisição são marcados por um mesmo gozo? Eu não vejo, senão uma maneira de entendê-la: de um ao outro, da aquisição ao exercício, não há perda. Ao contrário, uma constante de gozo. Dito de outra maneira, o inconsciente é um saber sem entropia, sem variações diferenciais. Um elemento gozado na sua aquisição se gozará de modo idêntico em seu exercício. Quando se lê, pela primeira vez, fica-se desconcertado. Por que? Porque se foi habituado a seguir Lacan na ideia de que há perda desde que há significante. É o que eu explicava ontem a respeito da repetição. De tal maneira se está impregnado desta ideia, que no fundo não se tem feito grande caso do que ele diz ali, sendo que já estava escrito desde 1973.

Mas o que ele adianta aí é outra coisa. Aliás, ele não emprega o termo repetição, mas exercício. No que diz respeito aos uns de repetição, sua tese é que o repetido difere; para o saber, o repetido não difere. Evidentemente, isto toca o sintoma, porque o sintoma é o produto maior do inconsciente saber e o que motiva à análise.

Isto nos leva à ideia de um inconsciente completamente bipolar: de um lado, os uns da perda e, do outro lado, os uns sem perda. E Lacan se demanda: como se constitui este saber não entrópico? Sua referência à *alíngua* e a sua aquisição é uma resposta. Notadamente na conferência de 1975 sobre o sintoma, na qual ele coloca que este saber se constitui na primeira relação à *alíngua* do outro. Com a ideia de que, para todos os bebês, *alíngua* do outro não é do significante produtor de sentido. De início, é do som, do som fora sentido, mas que se goza. Isto quer dizer que este saber se encontra na origem, em *alíngua*. Ela, não é do simbólico, é obscena, diz Lacan, sempre obscena, para designar a conexão entre os sons de *alíngua* e o gozo que pode aí se realizar. Além disso, *alíngua* não é propícia a que, dela, o sujeito saiba alguma coisa. É por isso que Lacan diz: “como pode, de *alíngua*, o ser saber alguma coisa?” O ser, efeito deste saber inconsciente, falasser, não é tampouco sabedor, de preferência é mais não sabedor do todo concernente aos efeitos de *alíngua* que o ultrapassam, sempre.

Então, retornemos um pouco à clínica. A tese não diz respeito a todo gozo do falante, mas o que Lacan chama o gozo próprio do sintoma, na sua segunda conferência sobre Joyce, onde se lê: “gozo opaco por excluir o sentido”,³⁷ portanto, real. O sintoma é gozo dos uns do inconsciente, o que ele nomeia letra. Por isso, ele diz: vocês gozam do inconsciente de vocês. E até mesmo, vocês fazem amor com o inconsciente de vocês. E ele precisa: não com o inconsciente como meio para fazer o amor, mas com o inconsciente como parceiro. Dito de outro modo, não é graças ao inconsciente que vocês fazem amor, é que vocês fazem amor com ele.

Como conceber isso? Não é aí que Lacan introduziu a referência à letra. Desde o início, desde *A Carta roubada*,³⁸ especialmente, é uma transformação do significante que faz dele um objeto gozado, idêntico a si mesmo. Daí a questão tardia de saber como *alíngua* “precipita na letra”, esse saber gozado, idêntico a si mesmo, na sua aquisição e no seu exercício. Então, quando ele acrescenta, no final do seminário *Mais, ainda*, que o “um encarnado”³⁹ de *alíngua* é incerto, entre o fonema, a frase e, mesmo, todo discurso, é muito estranho. É dizer que fragmentos de discurso podem valer como Um, o tema da holófrase não está longe. Termino por compreender que esta série: fonema, frase, discurso, poderia designar tipos de sintomas diferentes. Se é todo o discurso que serve de “um”, isto quer dizer que este “um” inclui, ainda o elemento formal e o gozo, o imaginário do corpo com o que Lacan chama as representações imbecis que a *alíngua* introduz no corpo. Portanto, isso designa um sintoma que inclui a fantasia e o gozo do sentido da fantasia. Isso designa o Um de um nó borromeano que é um “um” socializante, implicando um parceiro. Se é uma frase que faz o Um, por exemplo, “bate-se numa criança”, sua fixação, com um “x”, determina um corpo a corpo, mas, pouco genital. E, se é um fonema que faz o “um” do sintoma, isso deixa o imaginário do corpo a corpo do outro fora da jogada. Encontro aí uma outra via, o que já havia desenvolvido, de uma distinção entre “o sintoma autista” e o “sintoma borromeano”.

Agora, este gozo opaco que exclui o sentido, o que é que eu posso saber disso? Grande questão para o Passe. Qual é a resposta que Lacan vai dar? Ele não deixa nenhuma dúvida. A resposta é: nada de certeza, o que quer dizer que os “Uns” são incertos. Posso fazer hipóteses, a partir da decifração, mas elas são elucubrações, nada mais que plausíveis. Nada de provas, nada de certo. Posso dizer que esta tese, logo que a compreendi, pareceu-me satisfatória, correspondendo bem mais aos fins reais das análises, que aquelas que anunciavam o nome de seu objeto ou de sua letra – o que sempre me pareceu um forçamento, um pouco derrisório. Em todo caso, que isso satisfaça ou não, é a resposta de Lacan, logo se deve, de todo modo, levar em conta.

37. Lacan, *Seminário Livro 23: O sintoma* (1975/ 2003, p.566).

38. Lacan, *A carta roubada* (1956/1998).

39. *Op. cit.*, p. 196.

Então, como se manifesta este sintoma a gozar, que resiste a ser sabido? Evidentemente, é preciso que ele se manifeste para que se fale dele. Ele se manifesta pelo lado inamovível da fixação que supre a não relação sexual. Ele se manifesta por meio de sua constância, constância que se impõe: mesmo se não se pode decifrá-la, ela se experimenta, ela se manifesta e até mesmo se mostra em todas as minhas relações com meus parceiros.

Não se deve confundir: de um lado, a insistência da repetição, a insistência da entropia de gozo, da perda com que se sustenta o insaciável do amor; e, do outro, a constância do gozo opaco, que está aí, idêntica a si mesmo, que contrabalança a primeira dimensão. Lacan nos diz que se pode seguir esta constância, passo a passo, justamente no que ele chama afetos enigmáticos.

Vou terminar. Graças à uma análise, o que posso fazer com essa constância opaca? Resposta de Lacan: posso, depois de tê-la percebido, cernido, me identificar com ela, isto é, me reconhecer aí. Admitir que aí está o meu ser de gozo. É um efeito terapêutico radical. Mas ele está do lado da disposição do sujeito. Ele não é mudança do saber. Estar identificado à sua constância de gozo, isto muda muito a vida. Eu me expressei, às vezes, com uma metáfora que tomo de empréstimo de uma analisanda: “muita coisa não mudou mas, de agora em diante, a vida é colorida”. É uma metáfora para dizer uma mudança na satisfação que há na relação à vida. Esta metáfora da cor, aliás, eu já havia encontrado, há muito tempo, no caso da pequena Piggie de Winnicott. Não sei se vocês conhecem este caso, um lindo caso, no qual se vê que a pequena Piggie, cujas figuras de terror eram em negro e que passam ao azul. Poder-se-ia dizê-lo, de outra forma, com metáforas musicais.

Sobre o sintoma, no nível do gozo, não há “*la*”⁴⁰. Na música se dá o “*la*” e ele é o mesmo para todos. Em matéria de sintoma, nada de “*la*”, sempre a particularidade. Poder-se-ia utilizar a metáfora da tonalidade para situar a mudança: identificar-se ao sintoma, isto pode fazer mudar a tonalidade da vida.

Termino, então, definitivamente, desta vez, sobre o que cessa de se escrever, a saber, o efeito terapêutico. Ele é, possivelmente, duplo. Quando se lida com um sujeito borromeano, o que Lacan chama um “*Sinthome*”, que enoda o sintoma real, fora sentido, e a fantasia, uma parte do efeito terapêutico consiste em construir e remanejar o que sobressai da ficção, do sentido. É o que se chama a travessia da fantasia. Ela opera no nível do sentido, e é por isso que Lacan diz que a análise libera ao analisando o sentido de seus sintomas. Mas, no que diz respeito ao núcleo autista, real, que Lacan escreve entre simbólico e real, no R.S.I., não se muda este saber aí, mas, sim, as relações do sujeito com esta fixação. E, portanto, há um duplo efeito terapêutico: de um lado, remanejamento do sentido, do outro lado,

40. A autora, ao dizer “não há « *la* » no nível do gozo”, faz referência à Lacan quando diz: “La Femme n'existe pas » Em português – “Não há A mulher, artigo definido para designar o universal.”. *Seminário*, Livro 20, *Mais, ainda*, op. cit., p. 98.

identificação ao que não se remaneja e que nem mesmo se presta para ser sabido, integralmente. Eis aí, é a palavra final.

Tradução: Sonia Campos Magalhães

Revisão da Tradução: Andréa Hortélio Fernandes

Referências bibliográficas

- FREUD, S. (1900). *Interpretação dos sonhos*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. IV).
- FREUD, S. (1900). *O inconsciente*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV).
- FREUD, S. (1920). *Mais além do princípio do prazer*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII).
- FREUD, S. (1926 [1925]). *Inibição, sintoma e angústia*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XX).
- FREUD, S. (1927). *Fetichismo*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI).
- KIERKEGAARD, S. (1843). *A Repetição*. Lisboa: Ed. Relógio D'Água, 2010.
- LACAN, J. (1956). A carta roubada. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. (1957). A Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- LACAN, J. (1966). Of structure as an inmixing of an otherness prerequisite any subject whatever. Comunicação feita no Simpósio Internacional de John Hopkins em Baltimore. In: *The Language of Criticism and the Sciences of Man: The structuralist Controversy*, dirigido por R. Macksey e E. Donato. Baltimore e Londres: The Johns Hopkins Press, 1970, pp. 186 – 195.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 14: a lógica da fantasia* (1966-1967). Inédito.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 16: de um outro ao Outro* (1968-1969). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

- LACAN, J. *O Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-70). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, J. (1970). Radiofonia. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003.
- LACAN, J. (1971). Lituraterra. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-73). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- LACAN, J. (1972). ... ou pior. In: *Scilicet 5*. Paris: Seuil, 1975.
- LACAN, J. (1973). O aturdido. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LACAN, J. (1973). Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LACAN, J. (1974). Televisão. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LACAN, J. *Le Séminaire XXII: RSI (1974-1975)*: Paris, Versão ALI. Inédito.
- LACAN, J. (1975). Conferência em Genebra sobre o sintoma. In: *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 23, 1998.
- LACAN, J. (1975). Joyce, o sintoma. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

Resumo

O texto contempla duas conferências proferidas por Colette Soler durante o *XI Encontro Nacional da EPFCL-Brasil*, em Fortaleza, dedicadas ao tema “Repetição e Sintoma”. Nelas, a autora trata da repetição e do sintoma como se produzindo no campo do gozo e dependendo do inconsciente. Cada um destes conceitos, próprios ao *falasser*, está referido ao “não há relação sexual”. Embora sejam solidários e caminhem juntos, no entanto, a repetição e o sintoma não podem se confundir. Para estabelecer essa sutil diferença, a autora trabalha exaustivamente esses e outros conceitos, sobretudo ao longo da obra de Freud e Lacan, articulando-os magistralmente à clínica.

Palavras-chave

Repetição, sintoma, inconsciente, transferência, gozo.

Abstract

This article discusses two conferences given by Colette Soler during the *XI Encontro Nacional da EPFCL-Brazil*, in Fortaleza, Ceará, about the theme “Repetition and Symptom”. In these conferences, the author explores repetition and symptom as if producing in the field of jouissance and depending on the unconscious. Each of the concepts, particular to the *speaking-being* refers to the “there is no such thing as a sexual relationship”. Even though they are related and walk hand-in-hand, repetition and symptom cannot be confused. To establish this subtle difference, the author works exhaustively on both concepts and others, especially along Freud and Lacan’s works, brilliantly connecting them with the clinic.

Keywords

Repetition, symptom, unconscious, transference,
jouissance

